

O coletivo é o novo singular¹

Rachel Maia²

Estar com Leticia Vidica e tantas outras pessoas engajadas no mesmo propósito - mitigar os eventos climáticos e as desigualdades sociais - na terceira edição do Fórum Ambição 2030, do Pacto Global da ONU - Rede Brasil, realizado em São Paulo no dia 4 de junho, resultou neste artigo que, à primeira vista, pode parecer mais do mesmo, mas que, na verdade, representa mais um debate fundamental para os próximos passos.

A transição climática é inevitável - e sabemos a importância de reunir as empresas para que a sustentabilidade corporativa no Brasil não fique apenas no papel ou restrita ao discurso. A Agenda 2030 da ONU estabelece o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) como prioridade global, e isso inclui combater as mudanças climáticas sem ampliar desigualdades sociais.

Leticia participou desta edição do fórum como mestre de cerimônias e compartilha aqui suas percepções como profissional da comunicação e pesquisadora do tema. Jornalista com quase 20 anos de experiência em veículos de grande relevância como TV Globo, SBT, RedeTV! e CNN Brasil, é também cofundadora do coletivo Herdeiras de Glória Maria - que reúne jornalistas pretas -, e repórter dos programas Encontro, Mais Você e É de Casa, nas manhãs da Globo. Ela carrega vivências históricas e profissionais que traduzem a complexidade desse desafio.

“No palco, eu vi nascer algo que vai além de discursos e metas. Vi nascer (ou renascer) o espírito de coletividade. Ali, a sustentabilidade deixou de ser pauta isolada e virou movimento real, com empresas assumindo que não dá mais para fazer de conta. Ou se age, ou se atrasa o futuro. E o futuro não espera”, afirma Leticia.

Reforçar metas para conter o aquecimento global em 1,5 grau Celsius e zerar as emissões líquidas até 2050 exige redução no uso de combustíveis fósseis, transição para energia limpa e acessível, investimentos em infraestrutura resiliente e requalificação da força de trabalho.

“É no individual que tudo começa, mas é no coletivo que a transformação ganha força. Afinal, que planeta queremos habitar? Como garantir uma transição climática justa sem deixar ninguém para trás? Como falar de meio ambiente sem olhar para a diversidade, a equidade e a inclusão?”, questiona a comunicadora.

Essas ações são necessárias para conciliar descarbonização e economia com justiça social, garantindo que trabalhadores, comunidades vulneráveis e países em desenvolvimento não sejam prejudicados no processo de transição climática.

“No fórum, vimos que já tem muita gente arregaçando as mangas. A Ambição 2030, por exemplo, já impactou mais de 1,6 milhão de trabalhadores com seus 10 movimentos de transformação. Isso é ação. Isso é impacto. Isso é presente moldando o futuro”,

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/empresas/coluna/o-coletivo-e-o-novo-singular.ghtml> Acessado em 18.06.2025

² CEO da RM Cia 360

contextualiza Vidica.

Colocar a justiça climática como princípio para a tomada de decisões e considerar quem mais sofre os impactos - como as populações indígenas, negras e periféricas do país - deve ser o ponto focal. Não apenas em eventos como este, mas na prática!

Para que a transição climática seja realmente justa, é imprescindível que as políticas públicas estejam no centro da estratégia, promovendo inclusão, justiça social e equilíbrio ambiental. Isso implica ouvir as comunidades mais impactadas, garantir que ninguém seja deixado para trás e direcionar recursos para onde eles são mais necessários.

Sem qualificação, não há transição. É fundamental preparar as pessoas para os novos empregos “verdes”, que vão desde a instalação de painéis solares até práticas de agricultura regenerativa. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a economia verde pode gerar até 24 milhões de novos empregos no mundo até 2030. Investimentos em educação, capacitação profissional e incentivos à economia verde regional desenharam um futuro promissor - e urgente - para essa transição.

“A sustentabilidade não caminha sozinha. Ela dá as mãos aos direitos humanos, ao trabalho digno, ao combate à corrupção. E o Pacto Global da ONU, com suas mais de 18 mil empresas signatárias no mundo, mostra que juntos vamos mais longe. E mais rápido”, reafirma a jornalista.

Uma transição justa não é apenas um desafio: é uma oportunidade de reinventar a economia global com base na sustentabilidade e na solidariedade. Mais do que mitigar danos, podemos criar um futuro mais inclusivo, próspero e resiliente para todos.

O momento exige coragem, visão e compromisso coletivo. Temos, diante de nós, uma chance histórica de reconstruir modelos econômicos ultrapassados e substituí-los por um sistema que valorize a vida, o meio ambiente e a dignidade humana.

O futuro sustentável não é uma utopia distante - é uma construção diária, feita com decisões políticas, investimentos sociais e participação ativa da sociedade. Com planejamento, a transição ecológica pode se tornar um verdadeiro motor de desenvolvimento, inclusão e esperança.